

O QUE ACONTECEU EM SEDAN

Artigo do Capitão Paul W. Thompson, publicado no "The Infantry Journal", de Washington, E. U. A.
Traduzida especialmente para a "A DEFESA NACIONAL", pelo

Cap. Tacito de Freitas

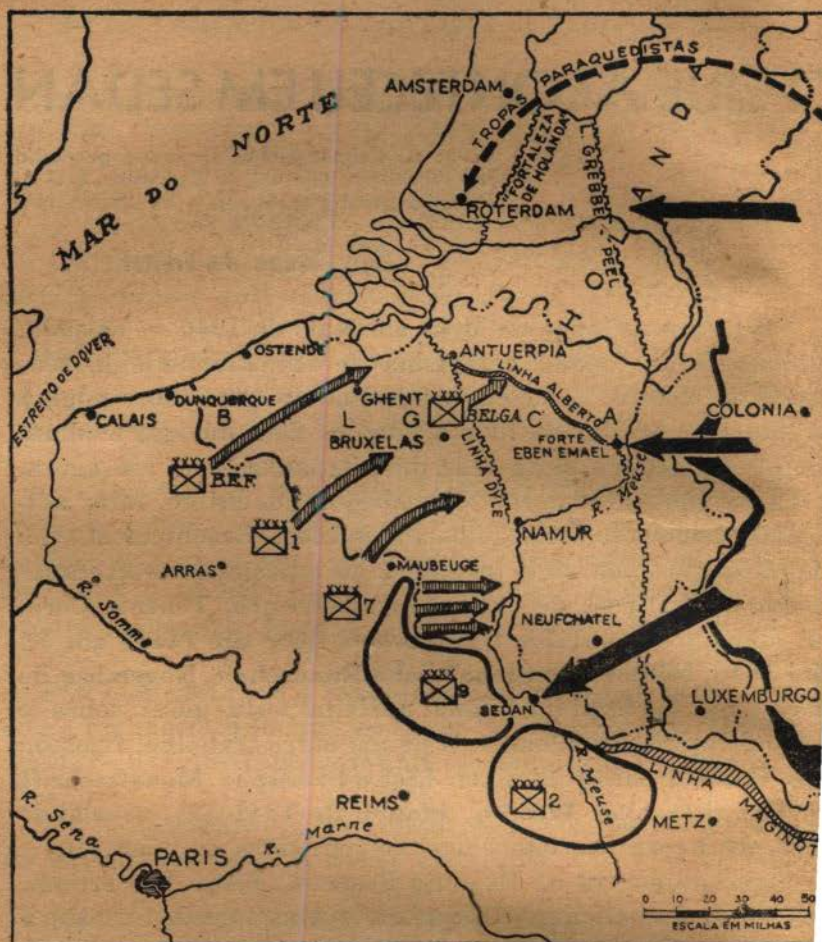
A rutura ao longo do Mosa em Maio de 1940 — episodio culminante da "maior campanha de aniquilamento já realizada na história" — continua pedindo página sobre página na imprensa militar de todo o mundo. Sem dúvida, nenhum completo histórico desta fase da campanha veio, até agora, à luz da publicidade; contudo, artigo após artigo, fatos adicionais vêm sendo conhecidos aos poucos. Recentemente, na imprensa européia, dois trabalhos de especial interesse apareceram. Trata-se: de um artigo escrito pelo Tenente Coronel alemão Soldan (**Der Durchbruch Über die Maas am 13 Mai 1940, Militärwissenschaftliche Rundschau, Novembro de 1940** (1), apresentando uma perfeita vista geral sobre o plano de operações alemão; e de um outro trabalho, firmado pelo Coronel suíço Daniker (**Schweizerische Monatsschrift für Offiziere aller Waffen, Janeiro de 1941** (2), revelando fatos até agora desconhecidos, concernentes às operações e ao plano de guerra do Exército Francês. Esses dois artigos, acrescidos de notícias hauridas em outras fontes, formam a base do presente trabalho.

I

Os elementos da situação geral, por ocasião do início das operações na frente ocidental, acham-se mostrados esquematicamente no esboço n. 1. Entre a extremidade norte

(1) A rutura sobre o rio Mosa em 13 de Maio de 1940, publicado na Revista de Ciência Militar de Novembro de 1940", pelo Coronel Soldan.

(2) "Da rutura até o cerco, do Coronel Daniker, publicado no Jornal Mensal Suíço, para oficiais de todas as armas, Janeiro de 1941".



Esboço n.º 1 — Os elementos do plano alemão de operações e da "Manobra Dyle" dos franceses.

da linha Maginot, e o mar, estacionam grandes forças francesas e aliadas, prontas para opôr-se a forças inimigas, que tentem o celebre envolvimento preconizado por Schlieff (ou, segundo a versão alemã, preparadas para serem lançadas através a Bélgica, até Holanda; e, após, por um regimento na direção sul, invadirem a área alemã do Ruhr). Os alemães, que não desfrutam da superioridade numérica sobre seus inimigos combinados (desde que se não cont

como "inimigas" as forças belgas e holandesas, antes de 10 de Maio), atacam, na manhã desse dia, sobre as direções das três fronteiras — holandesa, belga e francesa.

Como se vê no esboço, este era o sinal para que os franceses e britânicos avançassem para leste, penetrando na Belgica, de acordo com as previsões da "manobra Dyle". Era também o sinal para que o Nono Exército francês iniciasse o movimento e ocupasse as posições da área defensiva atrás do Mosa, a oeste da floresta das Ardenas. Conforme decorresse a progressão do seu ataque, (de acordo com a análise feita pelo Coronel Daniker) os alemães resolveriam as dificuldades que se apresentassem, exercendo o esforço principal sobre três pontos:

- o domínio inteiro e rápido da Holanda, visando eliminar as possíveis bases inglesas, de onde estes poderiam operar efetivamente contra a área do Ruhr;

- a redução do forte Eben-Emael, chave da linha Alberto e ponto vital da defesa da Belgica e da Holanda;

- a rutura ao longo do Mosa, que teria como resultado a separação das forças aliadas, ao norte e ao sul de Sedan, tornando possível uma "Cannae na Flandres".

O que acima foi descrito, refere-se ao grande quadro da manobra alemã, no campo estratégico. Este trabalho tratará, apenas, da terceira fase, ou seja, a parte referente à rutura da frente francesa do Mosa.

A área pertinente à rutura, na frente e ao longo do rio Mosa, vai esboçada numa escala relativamente maior, no mapa n. 2.

Uma apreciação sobre o terreno, nesta área, nos fornecerá elementos sobre ela, principalmente quanto ao rio Mosa e à floresta das Ardenas. O rio tem cerca de setenta metros de largura, com uma corrente de dois metros por segundo, mais ou menos, e corre num vale, cuja largura varia entre 400 e 500 metros, terreno onde os bosques e as culturas se intercalam.

A floresta das Ardenas, cujo contorno geral está indicado no esboço, constitui uma região pesadamente arbori-

zada, cujo terreno aspero e movimentado, pode ser classificado como "montanhoso" em relação ao "standard" do oeste europeu. As Ardenas são profuzamente cortadas por pequenos rios e arroios (um dos quais, o Semoy, é vadeavel em todo o curso) e servidas por uma estrada limpa, belamente coberta pela mataria densa, encontrando-se por vezes, na floresta, degrãos escarpados, pontes fracas sobre os riachos e muitos desfiladeiros.

Pode-se dizer, sob um aspecto, que a decisão de toda a campanha repousou sobre as conclusões resultantes da apreciação do terreno das Ardenas, feitas pelo comando francês e pelo alemão.

O comando francês, olhando, como sempre, para a experiência da Grande Guerra, considerou as Ardenas como "terreno completamente inapropriado a operações de grande envergadura, como nenhum outro possivelmente o poderia ser". Os alemães consideravam a região como oferecendo grandes dificuldades, especialmente para elementos motorizados. Acreditavam, contudo, que com um material apropriado e treinamento das equipagens, poderiam ser planificadas estas dificuldades. Finalmente, havia uma grande diferença entre os pontos de vista francês e teuto sobre essa matéria: os franceses não faziam segredo de suas conclusões, enquanto os alemães nenhuma referência avançavam a respeito das suas.

Os alemães, pensando como pensavam, e, conhecendo o que pensavam os franceses sobre o assunto, decidiram "capitalizar sobre a situação". "Eles, (os alemães) estavam certos de que poderiam remover as dificuldades da travessia das Ardenas, e, mais, de que o alto comando francês — confiando absolutamente nas dificuldades do terreno — poderia ser tomado pela surpresa". Então, uma irrupção através das Ardenas cristalizou-se no espírito do alto comando alemão.

Tentemos apreciar, agora, as forças que se encontravam de um e outro lado, a exemplo do que já fizemos quanto ao "valor" do terreno, julgado pelos comandos dos exércitos adversários. Até aqui; não conhecemos ainda bem a deta-

As forças encarregadas da penetração nas Ardenas e sua travessia para a rutura da frente francesa do Mosa, formavam a "ponta de lança" do grosso do grupo de exércitos comandado pelo General von Rundstedt. Constituíam, ao que tudo indica, um exército, comandado pelo General von Kleist. Neste exército, existiam dois corpos de exército, comandados, respectivamente pelo Generais Guderian e Reinhardt. Estes dois nomes — especialmente o de Guderian — tornaram-se famosos por ocasião das operações das divisões "panzer", na Polónia. (Diz o Coronel Soldan, que o General Guderian "tem o temperamento de um Zieten", antigo general de Frederico). O nome do comandante da coluna, que operou mais ao norte, mostrada no esboço 2, não é ainda conhecido, todavia, o do General Rommel foi mencionado em conexão com certa operação realizada na região de Dinant.

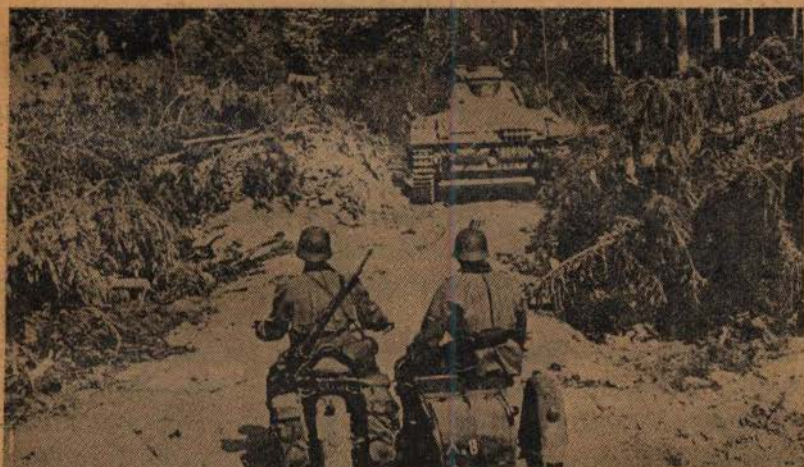
As forças encarregadas da rutura "eram completamente motorizadas" e compreendiam "um total de 45.000 veículos". Estes dados, comparados com as notícias de que os alemães empregaram, talvez, 10 divisões "panzer" na Polónia, conduzem à conclusão de que as forças de rutura incluíam, provavelmente, um mínimo de 8 divisões "panzer" (divisões blindadas ou couraçadas) e, possivelmente, algumas outras divisões motorizadas.

O dispositivo das tropas francesas (segundo o Coronel Daniker, que se abeberou em fontes francesas) mostra, muito mais eloquentemente do que quaisquer palavras, o grão de negligente confiança nas qualidades defensivas da floresta das Ardenas, como obstáculo. Esse dispositivo está esquematizado no esboço n. 2.

O Segundo Exército, do General Huntziger, ocupou fortes posições ao longo do rio Mosa e do Chiens, das proximidades de Flize até extremidade norte da linha Maginot, perto de Longuyon. Nesta frente de 30 milhas (cerca de 54 quilómetros), o General Huntziger tinha quatro divisões em linha e duas em reserva. Da vizinhança de Flize para o rio Sambre, a linha foi completada pelo Nono Exército, do co-

mando do General Corap. Em palavras mais precisas, essa linha devia ser" reforçada pelo exército do General Corap".

Ao iniciar-se o ataque alemão, pois, sómente no setor Flize-Revin havia tropas francesas sobre o Mosa, numa frente de quinze milhas, setor a cargo das "divisões dos Fortes de



Foi assim que as colunas blindadas alemãs abriram seu caminho, através da floresta das Ardenas.

Mezières". Mais para o norte da França, as unidades do sólo francês, prontas para avançar para o Mosa, quando fosse Nono Exército, do General Corap, ocupavam posições em necessário. Quando a ocasião exigisse, essas unidades marchariam segundo está indicado no mapa. A frente de quinze milhas Revin-Givet estava designada para uma divisão. A de vinte milhas entre Givet e Namur — que cobria uma área mais adequada ao movimento de unidades motorizadas — fôra atribuída a três divisões, as melhores do Nono Exército francês. Duas divisões achavam-se em reserva, uma atrás das Ardenas e outra mais para o norte.

A situação a léste do Mosa, entre os franceses, não era relativamente melhor do que a acima descrita. As Ardenas eram normalmente guarnecidas pelos Caçadores Belgas das Ardenas. Eram tropas consideradas de elite, porem, não

estavam bem equipadas e havia sómente uma divisão delas. O Segundo e o Nono Exércitos franceses foram incumbidos de auxiliar a defesa das Ardenas — com cinco ou seis divisões de cavalaria. Cada uma delas foi grandemente dotada de unidades a cavalo, quatro regimentos montados e mais uns poucos elementos motorizados.

Com referência à situação muito aberta do Nono Exército, era mais do que certo que ele, achando-se recuado de algumas milhas da linha do Mosa, quando o avanço alemão começou, não tinha posições fortes e estas não estavam completamente organizadas. Os alemães, em seus relatórios, citam “duas linhas fortificadas dos franceses” ao longo do Mosa. Contudo, os próprios franceses, consideravam o setor norte de Sedan não como “região fortificada” e sim como “setor defensivo”.

Talvez, o melhor comentário seja o fato de que o Nono Exército “estimou, pelo menos, em cinco dias — preferentemente seis ou sete — o prazo para realizar o seu movimento e organizar suas posições”. E, assim calculando, foi esse o tempo que o seu comando avaliou para um inimigo atravessar as Ardenas.

II

Às 5,35 da manhã do dia 10 de Maio, os elementos da engenharia avançados das “panzer” divisões de von Rundstedt, atravessaram a fronteira do Luxemburgo e começaram a remover e a lançar passagens sobre os obstáculos das estradas (evitando usar explosivos, afim de não danificar essas vias de acesso). As colunas principais seguiam a engenharia, de perto. Todavia, não encontraram elas resistência séria, apenas “pequenas demolições e inevitáveis atritos”, além de “estradas sinuosas e pontes fracas”, que reduziram o avanço para baixo das previsões.

Dentro de uma hora e dez minutos depois dos alemães haverem cruzado as fronteiras, ordens para proceder à “manobra Dyle” percorreram a gama hierarquica do comando francês. Com isto, as forças aliadas e francesas do norte da

França começaram seu movimento para léste. Conforme ficou dito, o Segundo Exército e as divisões dos Fortes de Mières já se encontravam em posição ao longo dos rios Mosa e Chiers. A massa do Nono Exército francês começou evoluir, da região Mezières e mais ao norte, para o Mosa. Simultaneamente, as unidades de cavalaria de ambos os exércitos (2.^o e 9.^o), tiveram ordem de marchar para as áreas léste do rio Mosa.

Então, na manhã de 10 de Maio, a situação era seguinte:

— As unidades couraçadas alemães estavam rodando lentamente para oeste, enquanto as unidades de cavalaria dos franceses iam trotando e galopando, rumo a leste.

De um modo geral, a decisão aí dependeu da falta de confluência, no tempo e no espaço, de ações retardadoras da cavalaria, esperadas em perspectiva imediata.

A primeira dessas ações ocorreu ao escurecer do dia 10, quando elementos da 2.^a Divisão de Cavalaria encontraram-se com unidades motorizadas alemães, na longa clareira a oeste de Arlon. O resultado foi um mortífero combate, que durou até a noite. Os franceses sofreram pesadas baixas e foram forçados a retirar. Em vista da derrota da 2.^a D.C., haver retrocedido para a linha Etalle-Neufchateau, a 5.^a D.C. francesa foi postada próximo a Libramont. Isto deu-se pouco após o escurecer do dia 10 de Maio.

Enquanto isso, os alemães haviam sido retardados um dia. Os seus elementos de retaguarda estacionaram ao longo de uma linha a poucas milhas a oeste da fronteira luxemburguesa-belga. Eles ficaram descontentes com os resultados desse dia, porquanto em suas previsões haviam estabelecido como objetivo do primeiro dia a linha — Libramont — Neufchateau — Virton. Além do mais, estavam alarmados com as informações recebidas de seus observadores aéreos. Estas diziam que “fortes unidades de tanques inimigos movimentavam-se de Carignan, Mœntmedy e Longwy, para os lados de noroeste”. Isto demonstrava que a surpresa estratégica, tão essencial ao plano alemão, havia sido descoberta o que fatalmente se teria dado, si tais informa-

ções tivessem sido confirmadas. Como resultado dos fatos, porém, na manhã seguinte foi descoberto que tais informações eram falsas. Entre as divisões "panzer" e o rio Mose, havia somente os Caçadores Belgas e a cavalaria francesa.

Enquanto a cavalaria do Segundo Exército estabelecera contato com o inimigo a 10 de Maio, conforme já foi descrito, a cavalaria do Nono Exército, longe de ganhar contato com o inimigo, não atravessou em marchas forçadas o Mosa, como lhe fora imposto. Esta falha da cavalaria do Nono Exército, de não avançar prontamente, deixou o flanco esquerdo da 5.^a D.C. francesa, ao norte, grandemente exposto. Durante a noite de 10 para 11 de Maio, foi ordenado ao General Corap que lançasse sua cavalaria para a frente, rapidamente. Como resultado dessa manobra, na manhã de 11, a 3.^a Brigada Spahi (cavalaria arabe), do 5.^o Exército, encontrou-se em direta junção com a 5.^a D.C., do 2.^o Exército. As outras divisões de cavalaria do Nono Exército (a 1.^a e a 4.^a) haviam alcançado a área norte e noroeste de St. Hubert.

Cerca de 11,30 hs. do dia 11 de Maio, a 3.^a Brigada Spahi e a 5.^a D.C., francesas, foram castigadas por unidades motorizadas alemães em diversos pontos, entre Neufchateau e Libramont. Novamente o combate foi muito mortífero, especialmente na clareira entre Bertrix e Paliseul (onde, também, em 1914, os combates foram violentos). A cavalaria francesa foi novamente forçada a retroceder, retirando-se para trás do rio Semoy. Eram cerca de 5,30 hs. da tarde. As pontes sobre o Semoy foram dinamitadas, e, pouco depois, elementos dos corpos do General Guderian ocuparam Bouillon. Estes elementos atravessaram por entre os "alegados" desfiladeiros fortificados, perto de Neufchateau, com ridícula facilidade, e sem ser preciso recorrer à caudalosa repetição de operações de flanco, que o plano de ataque alemão estabelecia como necessárias. Enquanto isso, com os alemães em Bouillon, a 1.^a e 4.^a D.C. dos franceses não tinham o que fazer nas redondezas de St. Hubert; assim, portanto, cerca das 10 horas da noite, o General Corap ordenou a essas unidades que retirassem para a margem oeste do Mosa. Ne-

nhuma dessas divisões havia sido ainda engajada em combate. (Não existem detalhes sobre as atividades do Corpo de Caçadores Belgas neste dia 11 de Maio. O Coronel Soldan insinua que os belgas, totalmente surpreendidos com a rapidez e o impulso do avanço alemão, foram integralmente varridos, sem oferecer grande resistência).

O curso dos acontecimentos no dia 12, consistiu mais uma vez, em inúteis esforços por parte da cavalaria francesa, contra o avanço das unidades "panzer". Na frente do Nono Exército, a 1.^a e 4.^a D.C., iniciaram sua retirada para a linha do Mosa, às 2 horas da madrugada e o fizeram ocupando sucessivas posições de retraimento. Uma de tais posições, a poucas milhas a léste do dito rio e um pouco mais para o norte (próximo de Givet?) foi atacada de surpresa, durante a noite de 12. Posteriormente, foi revelado que este ataque de surpresa foi realizado pela "Divisão Fantasma" do General Rommel, cuja unidade couraçada havia adquirido esta autonomasia através de operações semelhantes anteriormente realizadas na Polónia. Contudo, a retirada podia, já agora, ser parcialmente coberta pela artilharia francesa, postada a oeste do Mosa. Pelas 14 horas do dia 12, toda a cavalaria do Nono Exército havia retrocedido para trás do Mosa, e a ordem para fazer voar as pontes foi dada.

Um pouco além, para o sul, perto de Bouillon, a coisa se passava de modo semelhante. Aí, os tanques alemães atravessaram o Semoy em muitos logares e a cavalaria francesa continuou sua retirada precipitada. No decorrer deste dia, aviões bombardeiros alemães apareceram pela primeira vez em ação. Os efeitos dos bombardeios foram grandes, quer do ponto de vista material, quer do moral. A artilharia francesa já havia entrado na batalha e, eventualmente, um ou outro bombardeiro francês era visto. Estes vôos individuais dos bombardeiros franceses não tiveram efeito na decisão, mas, houve uma ocasião em que suas bombas puseram "as coisas tão quentes" em volta do Q.G. do General Guderian, de modo a havê-lo compelido a mudar-se para outro local.

Ao terminar da noite de 12/13, os elementos avançados alemães chegaram às alturas que dominam o vale do Mosa e aqui e ali, um ou outro bom atirador já experimentava sua "chance" sobre alvos, na margem oposta do rio. As longas filas das colunas motorizadas e couradas estendiam-se sobre a Belgica e o Luxemburgo, em toda a extensão de suas fronteiras com a Alemanha. No Q.G. do General von Keist não mais perdurava qualquer laivo de tristeza. O tempo perdido durante o primeiro dia (10 de Maio), fôra compensado pela rapidez com que as áreas de Neufchateau e do Semoy haviam sido transpostas. Os contra-ataques das divisões motorizadas francesas, que eram tão temidos, não chegaram a se materializar e, assim, a surpresa estratégica, que era tão importante, havia sido alcançada.

No Q. G. alemão, a grande questão agora (na noite de 12/13Maio) girava em torno de precisar-se o momento exato para forçar a transposição do Mosa. Havia qualquer razão para retardar esse ataque, até o "modo de preparação, que sempre foi considerado essencial para que uma tal operação possa ser realizada". Havia, pois, um especial desejo de esperar que a artilharia pesada pudesse ser trazida para a frente. De outro lado, foi levado em conta que a hesitação e a demora podiam resultar na diminuição da surpresa e, já que os sucessos obtidos haviam fortalecido a confiança, a decisão vencedora foi de forçar a transposição do rio no dia seguinte. Do outro lado do rio, os franceses estavam "em máos lençóis". Verificava-se isto, especialmente com o Nono Exército. Ao invés de 5 dias que esse exército estimára para organizar suas posições, teve apenas tres dias escassos. Em verdade, é provavel que em alguns pontos ao longo do Mosa, os alemães hajam chegado à margem leste, antes que elementos do Nono Exército houvessem atinjido a margem oeste !

III

Durante o decorrer do dia 13, travessias feitas à viva-força pelos alemães, em diversos pontos sobre a frente de quarenta milhas, que vai de Sedan até o norte de Dinant.

Em diversos outros pontos, tentativas de transposições do rio foram realizadas, porem mal sucedidas. Os locais de tais pontos — o mais aproximadamente possível que puderam ser identificados — estão indicados por setas, no mapa n. 2. Deve ser notado que o principal ponto de travessia do Mosa foi junto a Sedan, onde era tambem necessário atravessar o canal das Ardenas, logo após a transposição do rio. Esta aparente desvantagem desse ponto foi julgada mais do que compensada pela existencia da ótima estrada que se dirige para oeste — afim de facilitar o acesso dos carros — e pela curva que o rio aí faz para o norte, abaixo da cidade, e que permitia um melhor apoio da operação, por parte da artilharia dos germânicos.

O quadro abaixo apresenta repertórios sumarizados de algumas das travessias do Mosa, por parte da engenharia e elementos avançados das divisões "panzer":

	Descrição	Observações
	505.º Btl. de Engenharia (tropas do Exército?) bivacou próximo a Bouillon na noite 12-13 Maio; avançou para os "bosques norte de Sedan", na madrugada de 13, bem cedo; as equipagens de pontes (45 jardas de comprimento e pontões de 16 toneladas) estavam com o Btl.; avançou de Floing para a margem do rio, na tarde de 13; estabeleceu sobre o Mosa, "ferry — boats" às 17,30 de 13; auxiliado pelo 37.º Btl. de Engenharia (divisão couraçada) completou uma ponte com os pontões e cavaletes, com capacidade mínima de 25 toneladas, até a meia noite de 13-14; desarmou os pontões e a ponte de cavaletes (depois da construção da ponte fixa do Btl.) no dia 19 de Maio.	Esta foi a 1.ª ponte de equipagem e de cavaletes completada para a transposição do Mosa; foi usada pelas divisões mais próximas do local, que atravessaram o rio neste ponto, e flanquearam os seus defensores, que haviam julgado irem os alemães atravessá-lo em Donchery. O General von Rundstedt assistiu pessoalmente a construção da ponte.

	Descrição	Observações
	<p>O 57.º Btl. Engenharia (de divisão couraçada) efetuou a limpeza de obstáculos de estrada em presença do fogo de pequenas forças inimigas, a poucas milhas a leste do Mosa, na tarde de 13 de Maio; alcançou a margem do Mosa, na mesma tarde, atravessando-o e promovendo a sua transposição para tropas de infantaria (inclusive unidades anti-carros), de bombardeios de aviação e em botes pneumáticos, depois artilharia e durante os mesmos efetuados pelos alemães; completou a construção de uma ponte de equipagem e de cavaletes, com pontões de 16 toneladas; durante esses trabalhos, assistiu a infantaria alemã reduzir duas linhas defensivas do inimigo, à média de uma linha por hora, usando a infantaria alemã os lança-chamas; após, o Btl. avançou à retaguarda da sua divisão e foi reunido aos trens da Engenharia em Artues, na Flandres, a 29 de Maio.</p>	<p>Esta travessia, ao contrario das que foram realizadas mais para o norte, colocou as tropas atacantes para oeste do canal das Ardenas.</p>
	<p>Vanguardas de uma divisão "panzer" chegam a poucas milhas a este de Houx na tarde do dia 12; tentativas para apoderar-se das pontes ainda intactas, fracassam, durante algum tempo; elementos ligeiros das tropas de assalto atravessam uma velha represa, durante a noite 12-13; a transposição do rio é forçada, muito cedo, na manhã de 13, sob a proteção dos fogos de "carros de assalto colocados em linha", na margem amiga; existem informações sobre a construção de pontes, pelos atacantes.</p>	

Depois das primeiras travessias, ao correr da tarde de 13 de Maio e da noite 13/14 havia grande atividade em ambos os lados da linha de combate. Os alemães empregavam tudo ao seu alcance para aprofundar e fortalecer as suas cabeças de pontes, prevendo, ao longe, os contra-ataques, que sabiam poder vir. Por volta das 8 horas da noite de 13, unidades motorizadas (ao que parece, carros de assalto transportados em pontões de 16 toneladas) alcançaram os pontos críticos da defesa francesa, próximo de La Marfée e desorganizaram a 55.^a Divisão de Infantaria francesa, que se achava sobre o flanco esquerdo do Segundo Exército. Os franceses, por sua vez, passaram a noite de 13/14 organizando freneticamente posições, canalizando reservas e reforços e preparando defesas e contra-ataques.

O Nono Exército estava sendo duramente castigado ao norte de Dinant, porem, tornava-se transparente que o ponto mais perigoso para um rompimento era nas proximidades de Sedan.

Aqui, o avanço alemão havia atingido a linha francesa, quasi exatamente na junção dos 2.^o e 9.^o Exércitos, colocando desse modo ambas essas grandes unidades em situação difficil.

Durante a noite, esses exércitos conseguiram reunir os seguinte reforços:

— a 5.^a D. C., do Exército, que havia sido reorganizada após os revezes sofridos nas Ardenas;

— a 53.^o D. I., do Nono Exército, que se conservava fresca;

— e a 3.^a Brigada Spahi, que tambem se havia reorganizado após os combates em que interviêra na floresta das Ardenas.

O dia 14 de Maio foi um dia de rudes combates e de continuos sucessos para os alemães.

Baseados nas informações certas já colhidas, a seguinte lista nos dá os maiores acontecimentos daquele dia critico para os franceses:

— a 5.^a D. C. e a 3.^a Brigada Spahi foram aniquiladas;

— a 53 D. I. foi arremessada para trás de Ormont;

— as colunas de Guderian, avançando para o sul, entre o rio Mosa e o Canal das Ardenas, para os lados do “planalto” de Stone, foram atacadas por poderosas forças francesas, em parte motorizadas. Depois de um combate muito duro e penoso, o ataque francês foi repellido;

— elementos das colunas de Guderian, contornando sutilmente para oeste, capturaram duas pontes importantes sobre o canal das Ardenas (em Omicourt e Malmy), antes que os franceses tivessem tido tempo de destruí-las;

— uma divisão “panzer”, impossibilitada de forçar a travessia em Donchery, enviou elementos sobre a ponte em Glaire, duas milhas ao norte, e tomou Donchery, pela retaguarda. A ponte em Donchery, lançada pelos alemães, sómente foi terminada cerca de meia-noite de 14/15;

— unidades alemãs, atravessando as pontes capturadas sobre o canal das Ardenas e dirigindo-se para o norte, ocuparam Flize, expondo, assim, Mezières e Charleville a um movimento envolvente pela retaguarda;

— reforços adicionais para o Nono Exército francês, consistindo da 1.^a Divisão Couraçada, chegaram respectivamente, a Charleroi (por via ferrea) e Philippeville (por estrada de rodagem), tarde e longe demais, porem, para que pudessem ser empregados ainda no dia 14.

A extremidade do flanco esquerdo do Segundo Exército francês foi, posteriormente, forçada a retroceder lentamente para Stonne.

O General Corap, comandante do Nono Exército, decidiu abandonar a linha do Mosa, retirando-se, durante a noite de 14/15 de Maio. A retirada seria para duas linhas. As tropas entre Mezières e Fumai retrocederiam para a linha Signy-l'Abbay-Rocroi-Couvin, enquanto que as que se achavam ao norte de Givet, retrairiam para a linha Merlemont-Florennes-Mettet.

Na manhã do dia 15 não sobravam mais dúvidas quanto à importância e gravidade da rutura.

Na ombreira noroeste da brecha, a 5.^a D.I. francesa, com elementos da 4.^a D.C. em cobertura, ficou imobilizada,

com a sua ala esquerda sobre o Mosa, ao sul de Namur e a ala direita em curva, para trás de Florennes. Na ombreira sudoeste da bolsa, a ala esquerda do Segundo Exército francês foi deslocada para a retaguarda de Stonne. No trecho entre Stonne e Florennes, os elementos do Nono Exército, que aí combatiam, iam começando a se desintegrar.

Isto posto, entre Mezières e Fumay, as unidades da linha de frente não puderam se retirar conforme a ordem do General Corap; e no dia 15, essas unidades foram envolvidas e atacadas por todos os lados. Durante a noite, a “grandemente dizimada” 18.^a D.I. francesa, amparada pela 4.^a D.I. africana (tropas frescas) e a 22.^a D.I. tentaram reorganizar-se e reunir-se em uma “área ainda não bem definida”, a 12 milhas a oeste do Mosa. No decorrer da noite 14/15, a 1.^a Divisão Couraçada francesa chegou e assumiu uma “formação de batalha” ao longo da linha Flavion-Ermeton. A formação de combate consistiu na apresentação de duas linhas de carros, os tanques pesados na frente e os leves à retaguarda. (A melhor maneira de dizer devia ser “este” e “oeste”, em vez de “frente” e “retaguarda”, visto que até então não havia sido estabelecido em que direção poderia surgir um ataque inimigo. E, como último “recurso”, a divisão blindada “fugiu dos gazes”?).

Não há notícias de haver essa divisão blindada atuado em um só combate, a despeito do esboço da grande batalha em formação!

Pareceu a princípio que as unidades alemães se haviam dirigido para o sul de Flavion. Na tarde do dia 15, por pouco deixaram as unidades Froide-Chapelle. Quasi ao mesmo tempo, o general comandante da 18.^a D.I. francesa, escapou de ser feito prisioneiro, próximo de Beaumont.

Estes fatos mostram a profundidade em que as divisões couraçadas alemães já estavam operando.

Durante o dia 15, a coluna Reinhardt, que havia atravessado o Mosa em Monthermes no dia 13, mas que fôra retida pelas dificuldades do terreno e pela forte resistencia

dos franceses, abriu caminho para Arreux. No curso deste avanço, a 61.^a D.I. francesa foi totalmente desbaratada.

O avanço dessa coluna alemã para Arreux tornou insustentáveis as posições francesas, as quais até então haviam conseguido deter a transposição tentada pelos alemães na altura de Nouzonville.

De Arreux, os exércitos de Reinhardt avançaram rapidamente, ocupando Liart, provavelmente na própria tarde de 15. Ao mesmo tempo, algumas das forças de Guderian impeliram a ala esquerda do Segundo Exército francês para trás de Stonne, enquanto o restante das tropas continuava seu avanço para oeste.

Ao cair da noite de 15 de Maio, o Nono Exército francês não pode por mais tempo ser considerado capaz de oferecer séria resistencia. Havia sido completamente destroçado. O setor que esse exército havia ocupado até dois dias antes, era agora uma brecha de cinquenta milhas de largura, pela os exércitos alemães se introduziam sem cessar.

Durante o dia 16, os alemães alcançaram a linha Ver vins-Montcornet-Rethel. Quatro dias mais tarde, o "corredor" aberto havia sido orientado para o mar, o cerco do exércitos franceses na Flandres era completo e a estrutura para a batalha da França — incluindo cabeças de pontes sobre o rio Somme — havia sido estabelecida.

IV

Até este ponto, esforçamo-nos por conservar o histórico da operação estritamente descritivo, o que obtivemos razoavelmente, procurando libertar-nos o mais possível das influências inevitáveis dos oficiais que produziram os trabalhos citados de início. Esses trabalhos, quer o do Coronel Daniker, suíço, quer o do Coronel alemão Soldan, estão cheios de comentários e conclusões, das quais escolhemos aquelas que nos pareceram menos impregnadas de espírito de propaganda ou parcialidade. De tais asserções, vão sumarizados abaixo — tendo em vista o maior interesse que despertam — os principais **Ensinamentos**.

Ambos, o Coronel Soldan e o Coronel Daniker concordam em que o grande ensinamento, que deflue da operação de rutura e criação da bolsa na frente francesa do Mosa, é constituído pela capacidade de combate obtida com a conjugação de emprego simultâneo do "motor de terra e do motor do ar". A esse respeito, ambos os comentadores dos planos de operações francês e alemão, pronunciavam-se em unísono, afirmando que a operação tem fôros de "significação histórica", marcando o primeiro exemplo na história em que unidades motorizadas e mecanizadas, apoiadas pela aviação, atingem a um sucesso estratégico em larga escala, contra um inimigo superior em força".

"No novo **combat-team**, o motor junta-se ao motor e a rapidez de movimento das unidades de terra é coberta pelo movimento, também rápido, de uma cortina de fogo igual ao da artilharia, e, talvez, para intenso". Este é, agora, um princípio tático "sobre o qual, entre outros, um sucesso militar dora em diante, deverá repousar".

O Coronel Soldan deplora a tendência surgida sobre os carros de assalto, de considerá-los como "cavalaria moderna". A analogia poderá subsistir em parte, apenas, em relação à cavalaria dos tempos de Frederico, mas, nunca, com referência à cavalaria da Grande Guerra ao contrário da cavalaria dos "últimos tempos", as forças motorizadas tem a capacidade de "combater e ganhar batalhas, isoladamente, sem o auxílio de outras tropas de campanha". Esta capacidade decorre do fato de que "as forças motorizadas incluem, em sua organização, todos os tipos de armas", que sua "mobilidade e rapidez aumentam consideravelmente o efeito dessas armas "e que" isto pode ser cumprido, total e exclusivamente, com o emprego do carro de combate". Incidentalmente, o emprego dos carros isolados pode encerrar alguma analogia com a expressão de "cavalaria moderna"; todavia, sem o "apoio da aviação de bombardeio em mergulho, o carro pode perder muito do seu poderio de choque".

Sob um importante aspecto, as forças motorizadas de hoje e a cavalaria dos "velhos tempos" têm um ponto de

contato, muito preciso — é quanto ao tipo de comandantes e chefes que ambas exigem. Assim como Frederico teve os seus Zieten e Seydlitz, agora, von Rundstedt tem os seus Guderian e Reinhardt.

Ousadia, rapidez e surpresa são os elementos básicos para o sucesso de uma operação de choque e ruptura. A ruptura, ou abertura da bolsa no dispositivo inimigo, consiste em uma série de operações de envolvimento: a penetração inicial, o alargamento e aprofundamento da brecha, o movimento contínuo para a frente e uma permanente “alimentação” de forças novas através a fenda conseguida. O fracasso ou falta de qualquer das ações combinadas acima descritas, poderá comprometer inteiramente o sucesso da operação. Então, é necessário o mais cuidadoso estudo e preparo dos planos antes da operação ser empreendida e “isto é particularmente verdadeiro para tropas motorizadas”. Na ruptura ao longo do Mosa cada movimento foi cuidadosamente calculado e ordens, antecipando cada situação que podia ser possível, estavam prontas com antecedência”.

Um perfeito e apropriado treinamento das unidades é tão importante quanto a preparação cuidadosa dos planos. “Cada homem, até o último condutor, deve ser treinado até o ponto de ter um completo conhecimento dos detalhes técnicos do material e a habilidade de combinar a calma e o frio raciocínio com um alto grau de iniciativa, debaixo do fogo adversário”. O Coronel Soldan dá a perceber que este critério de treinamento foi cumprido pelos alemães, mas que, “como foi evidenciado pela natureza de sua retirada e as condições em que deixaram as estradas”, os franceses não se encontravam no mesmo pé de preparo, com suas divisões blindadas.

Ainda o Coronel Soldan acentua a “sensibilidade” das colunas motorizadas, com relação aos desastres ou acidentes dos veículos, por menores que sejam esses transtornos. Deste modo, a parada ou inutilização por “pane”, de um só veículo, pode ser “desastrosa para a coluna inteira”, coisa que

“os nossos inimigos nesta guerra, tiveram mais de uma vez ocasião de constatar”.

Assim sendo, os veículos das colunas motorizadas devem ser mantidos permanentemente em perfeitas condições de operar e, como isto representa a “disciplina de marcha do ferro”, trata-se “nada mais nada menos do que de uma questão de vida ou de morte”. Eventualmente, um avanço de forças motorizadas pode colher todos os veículos de transporte, que o inimigo houver abandonado momentaneamente, do mesmo modo que a infantaria recolhe o armamento e as munições, após a derrota do adversário.

O motorista de veículo motorizado deve ter como regra inspecionar todo e qualquer veículo abandonado pelo inimigo, que encontre no seu caminho. “Não obstante achar-se o veículo avariado, geralmente os estragos são apenas em certas partes — principalmente baterias, velas, rodas — o que permite ainda uma reparação vantajosa. Como foi conseguido com muito trabalho na França, — diz ainda o Coronel Soltan — “carros inimigos dados como perdidos, foram rapidamente reparados e repostos a funcionar, dentre os milhares de veículos, que o inimigo foi forçado a abandonar”, e isso conseguimos “algumas vezes, repondo a funcionar colunas inteiras de veículos motorizados, prontos novamente para marchar”.

Os diversos pontos de transposição do rio Mosa, nesta campanha, foram obtidos pelas colunas “panzer”, a “passo-le-carga”. O papel tradicionalmente representado pela artilharia pesada foi desempenhado pelos bombardeiros de vôo mergulho. A completa motorização de todas as unidades que participaram do ataque, proporcionou uma nova potência e choque e um novo poder de ruptura, constante e intenso, no movimento ofensivo. As travessias do rio foram realizadas por processos ensaiados e precisos : botes pneumáticos de assalto, leves, para as primeiras ondas de tropas; **ferries** instalados em botes do assalto, ou pontões, para os canhões, armas pesadas, carros de combate e viaturas; e finalmente,

pontes de cavaletes e sobre batelões, construídas pelas companhias de engenharia, para carga de todos os pesos.

Ainda o Coronel Soldan comenta a imprevidência dos franceses, não interpretando corretamente o que ele chama de "sinais do tempos". Abebeirados nos ensinamentos da história, concluíram que um rio como o Mosa poderia ser forçado, mas, somente depois do atacante ter "realizado completas e extensas operações preparatórias, especialmente fazendo entrar em ação a artilharia pesada". O Coronel alemão dá-nos um vislumbre da idéia germânica de como um rio pode ser defendido contra um ataque de forças motorizadas, quando diz que os franceses deveriam ter imaginado que "o emprego de um obstáculo do terreno como o rio Mosa, pode facilmente ser perigoso e que a segurança exige que os defensores da posição avancem, combatendo agressivamente, sobre a linha do rio". O Coronel Daniker observa que a atitude dos franceses na frente do Mosa, esteve em desacordo com a filosofia do General Gamelin, que acreditava que um exército que "abandona sua segurança", pode ser de antemão considerado batido. Nenhum dos Coroneis-autores se estende longamente sobre os outros elementos da incapacidade do Exército Francês na campanha, tais como: o tempo levado pelas tropas para ocupar as posições de combate, a fragilidade de organização dessas posições, as extensas frentes atribuídas às divisões postadas a oeste das Ardenas, a carencia de meios mecanizados e motorizados, para contra-atacar, e a falta de apoio da aviação.

Já agora, parece-nos que o estudo da incapacidade e fraqueza dos franceses nesta guerra, deve fazer-nos ficar um pouco abaixo das excessivas "conclusões de esquina" a que muitos de nós chegamos, abruptamente, encarando atônitos, a super-eficiência do **combat-team** do carro de combate e do bombardeiro de mergulho.

N.T. — **Combat-team** pode ser traduzido, livremente, por: **conjunto de combate**.